

190-

ESTADUAL

Indígenas resgatam cultura e tradições

As crianças aprendem a confeccionar artesanato, conhecer plantas medicinais e a língua de seus antepassados

Marcelo Daletese

Mangueirinha — O Dia do Índio está sendo comemorado de maneira diferente na Reserva Indígena de Mangueirinha, que conta com a maior reserva de araucárias do planeta, localizada nos municípios de Mangueirinha, Coronel Vivida e Chopinzinho. São famílias de guaranis e caingangues que comemoram momentos extremamente marcantes na história de relação com o povo branco, que hoje está resgatando as raízes culturais.

Os adultos apontam com satisfação uma nova realidade: as mais de 600 crianças estão aprendendo a confeccionar artesanato, a conhecer plantas medicinais e, principalmente, dominar as línguas originárias das famílias Jê (caingangues) e Tupi-Guanani (guaranis).

Na visão de Sauri Pafej Manoel Antônio, 34 anos, único dos caingangues que cursa ensino superior (ele faz Filosofia nas Faculdades de Palmas), a evolução de seu povo nos últimos anos é clara. Ele, que além de lecionar como professor da escola na sede do Posto Indígena, ocupa parte do tempo acompanhando pela TV colorida, com videocassete e parabólica, os jogos do Flamengo, acredita que num futuro próximo o índio estará ocupando melhor o espaço que possui. "Os índios no Paraná, especialmente daqui em Mangueirinha, estão muito bem. Acredito que a evolução para nosso povo é assimilar o desenvolvimento tecnológico proporcionado pelos brancos mas, antes de tudo, sem perder as raízes indígenas, algo que já está acontecendo. Nossos alunos recebem todo o conteúdo de ensino regular no Brasil e, também, o conhecimento da língua, dos costumes e das tradições. É a maneira que encontramos de ver índios crescendo neste mundo, nunca deixando de lado o passado histórico. Hoje apenas 10% de toda a população da reserva domina a língua de seu povo, o que é muito pouco e começa a ser revertido."

João Vaz, caingangue mestiço, natural de Nonoai (RS), reside há 18 anos em Mangueirinha e aponta com muito orgulho o Centro Cultural: "Temos crianças que já sabem utilizar o cipó e a taquara para confecção de artesanato e mulheres brancas casadas com índios que também dominam a técnica, o que há poucos anos era raro", comenta, eviden-

ciando que os costumes, há 3 ou 4 anos, ficavam individualizados nos idosos, o que não ocorre mais.

Outro motivo de orgulho para João Vaz é a Polícia Florestal Indígena. Os policiais fiscalizam e denunciam a ação de brancos contra o ambiente natural da reserva. "Já tiramos brancos roubando pinhão que, imediatamente, foram encaminhados para as autoridades."

João Carlos Mader, 27 anos, índio caingangue, diz que a fase é outra. "Estamos conseguindo sobreviver sem arrendar as terras e nos livramos dos mais de 150 colonos invasores que, pagando 10% do colhido, exploravam nosso povo", explica, apontando que os colonos desmatavam, vendiam toda a madeira, utilizavam a terra por aproximadamente 3 anos e, depois, na hora de recuperá-la com uma boa correção, acabavam devolvendo aos índios sem qualquer compensação. "Nossa gente sempre saía prejudicada", diz ele, evidenciando que só passa necessidade e fome o índio que não trabalha. "Plantamos milho, feijão, arroz, mandioca, batata e ainda aproveitamos o trânsito na rodovia (BR-373) para a comercialização de pinhão de abril a junho (R\$ 0,80 o quilo) e artesanato durante todo o ano. Aquele índio que acha pouco ainda pode viajar para vender artesanato (cestos, flechas, chocalhos) ou passar por outras reservas no país e até no exterior."

Por outro lado, a miscigenação é um problema que vem preocupando os índios mais velhos. Tanto que é comum observar crianças e adolescentes de meio sangue. Pelo relacionamento que os jovens, através da escola, têm com pessoas da mesma idade nas cidades vizinhas, não são poucos os casos de união entre brancos e índios. Evidenciando descontentamento com a quantidade de índias casadas com brancos, o cacique caingangue deixou clara uma determinação: mulher que se juntar com branco terá de ir para a terra dele, ou seja, deixar a reserva. Maria da Luz Severina Guimarães, índia de 89 anos, avó de meninas que já estudam fora da reserva, na Cidade de Mangueirinha, não concorda com a determinação do cacique. "Se as moças acham o homem branco bonito, deveriam casar sem problemas, como o homem índio", desabafa, detalhando sua longa vida que acompanhou até casos de índios perseguidos por onças.



Famílias da reserva de Mangueirinha...

19 de abril

Curitiba — Estima-se entre um milhão e cinco milhões o número de índios que viviam no Brasil em 1500, à época do descobrimento do Brasil. Esse número foi obtido tomando-se por base o ocorrido no antigo México e Peru, onde o decréscimo da população nativa foi de vinte a um, ou seja, de cada 20 indivíduos, restou apenas um. Considerando-se que a população indígena no Brasil em 1980 era de 227.800 pessoas e multiplicando-se esse número por 20, chega-se a 4.556.000 índios em 1500. Já o mapa Etno-Histórico do Brasil e países limítrofes, do etnólogo alemão-brasileiro Curt Nimuendaju Unkei, publicação conjunta do Museu Nacional e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1981, indica a localização de 1400 tribos existentes em 1500. A data de 19 de abril, dedicada ao índio, marca a realização do I Congresso Indigenista Interamericano no México, em 1940, quando os índios compareceram aos debates para defender seus direitos.



...reaprendem velhos costumes.

Jê e tupi

Curitiba — As crianças índias que frequentam as 25 escolas localizadas nas dezessete reservas indígenas do Paraná têm hoje rendimento melhor do que há duas décadas. O motivo é a mudança da metodologia de ensino. Além das disciplinas tradicionais, como o português, as crianças também recebem informações sobre ética e saúde e têm reforçada sua cultura e tradições. Professores bilingües contratados pela Secretaria Estadual da Educação ensinam, ainda, o Jê, próprio dos caingangues, e o Tupi, dos guaranis. Ao todo, são 1.958 alunos de 1.ª a 4.ª série.

"Antes, a língua indígena era falada quase que exclusivamente entre os mais velhos", diz o professor Carlos Alberto de Paulo, especialista no assunto. "A preocupação era integrar o índio à sociedade, ou seja, aproximá-lo dos brancos", complementa. "Hoje, o enfoque é outro", observa. Escolas foram construídas para abrigar os filhos dos índios, que recebem material didático-pedagógico apropriado e currículos e calendários escolares estão em constante aperfeiçoamento.

Preservação

Nenhuma das dezessete reservas indígenas, que somam 84 mil hectares em 21 municípios paranaenses, sofreu, nos últimos três anos, impactos que resultassem em agressão ao meio ambiente, informa o secretário Hitoschi Nakamura, do Meio Ambiente. "O programa Paraná Indígena devolveu ao índio paranaense os seus direitos e garantiu a qualidade de vida em suas reservas", completa.

Ao lançar o programa Paraná Indígena, em 1995, o governo do estado buscou sustentabilidade cultural, social, econômica e ecológica das populações indígenas. O programa foi lançado na maior reserva, a de Mangueirinha, localizada na região Sudoeste, onde vivem 1.617 índios caingangues e guaranis. Em todo o Paraná vivem 9.015 índios, sendo 10 remanescentes dos xetás.